

## Anáfora indireta e produção de sentido em redações do Ensino Fundamental

---

letrônica

---

Hélio Rodrigues Júnior<sup>1</sup>

### 1 Introdução

A maneira como dizemos aos outros as coisas é muito mais uma decorrência de nossa atuação discursiva sobre o mundo e de nossa inserção sócio-cognitiva nele, pelo uso de nossa imaginação em atividades de ‘integração conceitual’, do que simples fruto de procedimentos formais de categorização linguística. O mundo comunicado é sempre fruto de um agir comunicativo, construtivo e imaginativo e não de uma identificação de realidade discretas e formalmente determinadas (MARCUSCHI, 2003).

Vemos, assim, na atividade de produção do texto, que os referentes são estabelecidos entre os interlocutores, numa perspectiva compartilhada, pois é na interação que os sentidos do texto são construídos de acordo com os conhecimentos prévios dos participantes.

Nesse contexto, refutamos o conceito de que, para cada coisa existe uma palavra correspondente num *mundo etiquetado* (MONDADA; DUBOIS, 2003) e assumimos a posição segundo a qual o mundo é construído e representado pelos sujeitos do ato enunciativo.

O processo de referenciação, igualmente, constrói-se no discurso de maneira progressiva até a identificação de algo: é nessa ação que dois indivíduos, ao interagirem linguisticamente, chegam, a saber, do que estão falando e como estão formando seus referentes.

---

<sup>1</sup> Artigo produzido na disciplina Leitura e escrita em diálogo, em cumprimento aos créditos do Mestrado, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

Essa progressão referencial, construída no processo do discurso, aqui está focada na classe da anáfora indireta ( $AI^2$ ), acompanhando Marcuschi (2005, p. 54), quando afirma que “a *AI* é um caso de referência textual, isto é, de construção, indução ou ativação de referentes no processo textual-discursivo que envolve atenção cognitiva conjunta dos interlocutores e processamento local”.

Buscamos, portanto, já que no texto as referências podem ser processadas, ou não, de forma implícita - inferíveis “pelas pistas de contextualização” (KOCH, 2003) - identificar as situações em que se empregam a *AI*, deixadas na escrita por marcas linguísticas.

Objetivamente, a questão que abordamos diz respeito a: Como as *AI* contribuem para a produção do sentido? Para avançar no tratamento, pretendemos descrever a ocorrência das estratégias de referenciação anafórica indireta em produções textuais escritas de alunos, visto que a referenciação direta já foi bastante discutida nesse cenário sobre remissão coesiva.

Nossas reflexões norteiam-se pelos pressupostos teóricos que estudam a língua do ponto de vista sócio cognitivo-interacional (cf. MONDADA & DUBOIS, 2003; KOCH, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006; MARCUSCHI, 2003, 2005, 2007; SCHWARZ, 2007).

## **2 A referenciação: uma atividade discursiva para a construção de sentidos**

A referência, inicialmente, foi considerada como alegoria dos objetos do mundo, como se a palavra fosse uma representação do que existe: trazemos aí o conceito de referência como a correspondência entre uma expressão linguística e algo que ela nomeia no mundo real ou conceitual - o referente.

Mesmo que cursem lado a lado, *referência* e *referente* são conceitos distintos. A primeira marca a proficiência do signo linguístico de reportar a uma realidade; a referência, segundo Koch (2004), é aquilo que designamos, representamos, sugerimos quando usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade. O segundo incide na própria realidade indicada pela referência.

A visão habitual concebe referência como um programa de etiquetas ajustadas às coisas, ordenando uma vinculação com objetos do mundo real. Em objeção a esse plano, Mondada e Dubois (2003), acentuando que há uma transformação dos encadeamentos entre as palavras e as coisas, atingem a compreensão de que os objetos de discurso são erigidos a partir de realizações discursivas e cognitivas.

---

<sup>2</sup> Anáfora indireta

Sob esse ponto de vista, não há uma estabilidade *a priori* no mundo e na língua, pois os efeitos de objetividade e realidade que cunham a estabilidade não são dados, mas sim, decorrências das obras de interação entre os falantes (MONDADA; DUBOIS, 2003). De tal modo, se, de um lado, temos uma visão que calcula uma relação de correspondência entre as palavras e as coisas, medindo o seu grau de correspondência com o mundo exterior, num processo de etiquetagem, e se, de outro sentido, deparamos com um conceito pelo qual os objetos de discursos se concebem através de práticas sociais, faz-se conveniente desvendar explicações para compreendermos como são prestados os sentidos de mundo.

No conceito de Mondada e Dubois (2003, p. 17), os sujeitos constroem, por meio de experiências discursivas, cognitivas, sociais e culturais, versões públicas do mundo. Moldadas por essa visão, as categorias e os objetos de discurso, pelos quais os sujeitos compreendem o mundo, não são preconcebidas nem dadas, mas elaboradas no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos. Nesse encontro, as categorias e objetos de discurso são consignados por instabilidade constitutiva, observáveis por meio de operações cognitivas ancoradas nas práticas sociais, nas atividades verbais, nas negociações dentro da interação.

As autoras apresentam, todavia, práticas que cumprem um efeito estabilizador observável, por exemplo, na sedimentação das categorias em protótipos e em estereótipos, nos procedimentos para fixar a referência no discurso, ou no recurso às técnicas de inscrição como a escrita ou as visualizações que permitem manter e “solidificar” categorias e objetos de discurso.

Koch (2004, p. 61) concebe a referenciação como uma atividade discursiva, situando o sujeito, no ensejo da interação verbal, na ação sobre o material linguístico que tem à sua disposição, viabilizando alternativas salientes para simular estados de coisas, com vistas à concretização de sua proposta de sentido. Os processos de referenciação são preferências do sujeito em função de um querer-dizer, confirmando eficiência dos determinados itens em relação a outros

Os referentes textuais, portanto, não são objetos do mundo, mas objetos de discurso, que não se confundem com a realidade extralinguística, e sim a (re)constroem no próprio processo de interação. Isso acontece não somente pela forma como denominamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos nele. A referenciação realiza-se no discurso, no momento em que o sujeito dá sentido ao mundo, construindo discursivamente os referentes (ou objetos) a que faz referência. Dessa maneira,

por pertencer ao mundo do discurso, traz a instabilidade causada às percepções do sujeito no curso do processamento do discurso.

Essa reelaboração dá-se essencialmente no discurso e deve obedecer a reservas impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua. Esses esquemas constituem parte integrante do que se tem denominado *cognição social*, definida por van Dijk (2004) como o sistema de estratégias e estruturas mentais partilhadas pelos membros de um grupo (KOCH, 2004).

Os tipos desses processos de construção de referentes textuais são dois, “ancorada” e “não-ancorada”: essa ocorre quando um objeto-de-discurso totalmente novo é introduzido no texto, passando a ter um endereço cognitivo na memória do interlocutor. Já ativação “ancorada” desponta quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, sob modo do dado, em virtude de algum tipo de associação com elementos presentes no co-texto ou no contexto sociocognitivo, passível de ser estabelecida por associação e/ou inferenciação (KOCH; ELIAS, 2006). Estão, entre esses casos, as chamadas *AI* de modo geral.

### **3 A anáfora indireta: uma operação referencial**

Trazida do grego *anaphorein* (ana – “para o alto”, “para trás”; *phorein* – “levar”), a palavra *anáfora* pode ser fixada como a pertinência interpretativa de um termo a partir de outro anunciado anteriormente (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 36).

Dentre as relações anafóricas, temos a direta que, de modo geral, é definida pela relação de correferencialidade estabelecida entre o anafórico e seu antecedente; como postula Marcuschi (2005, p. 55), “a anáfora direta seria uma espécie de substituto do elemento por ela retomado”. Veja o exemplo:

*Paulo saiu; ele foi ao cinema. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 127).*

No exemplo, o pronome “ele” retoma claramente o referente “Paulo” mantendo, portanto, com o nome, uma relação correferencial que garante a continuidade referencial, característica típica da anáfora direta.

Outra relação anafórica, a denominada anáfora indireta (*AI*) que, de forma ampla, é vista como uma estratégia referencial de associação, sem referente explícito, organiza o alvo desse trabalho. Para estabelecer a continuidade referencial no texto, ela utiliza a ativação (referenciação mental) de elementos novos e não de uma reativação de referentes já conhecidos, o que constitui um processo de referenciação implícita. Assim, as anáforas indiretas caracterizam-se pelo fato de não existir no co-texto um antecedente explícito, mas

sim um elemento de relação que se pode denominar *âncora* (KOCH, 2003) e que é decisivo para a interpretação.

Para melhor compreensão da *AI*, o seu conceito passa por um processo de referenciação não-extensionista, ou seja, os elementos do texto não são enumerados explicitamente. Em seguida, da não-vinculação da anáfora com a co-referencial e de retomada, a partir desses aspectos, percebemos que as *AI* não reativam referentes, mas introduzem um novo referente no discurso, ancorado em alguma expressão no texto e ativado por processos cognitivos ou estratégias inferenciais.

A esse respeito, Schwarz (2007, p. 3), postula que a *AI*

refers to a definite NP<sup>3</sup> which has no explicit antecedent in text and is linked via a cognitive process to some element in prior text which functions as some kind of anchor for the interpretation of IA<sup>4</sup>. According to one popular view, IA are treated as phenomena that can best be explained in terms of associability.<sup>5</sup> (SCHWARZ, 2007, p. 3).

A autora atribui a necessidade de estruturas do conhecimento a serem usadas para a interpretação das *AI*, sendo a base para uma maior explanação geral de como as pessoas processam as expressões referenciais. Defende que não existe antecedente explícito para definir o funcionamento de uma *AI*, mas que existem alguns tipos de âncoras que um ou outros elementos antecipam no texto em relação a esse elemento anafórico.

O nexos entre a âncora e *AI*, ainda, segundo Schwarz (2007), não é baseada em correferencialidade, mas em outras ligações semânticas ou em outras relações conceituais, tendo em vista que envolve muito mais que um simples procedimento de emparelhamento, necessitando para sua total interpretação um processo de conhecimento em que atividades das estruturas da cognição são envolvidas. Na perspectiva da autora, com base na noção de acessibilidade, a *AI* tem sido tomada como “given-and-new-entities<sup>6</sup>” (SCHWARZ, 2007, p. 8), já que combina processos de ativação e de reativação.

Com esse juízo, comungamos com a ideia de que o conceito de *AI* fica ampliado, podendo ser decifrada a partir de um princípio interpretativo e não como um encadeamento linear dos elementos, o que compromete a noção clássica de coerência. Baseado na tipologia de *AI* de Schwarz, Marcuschi (2005, p. 61) sugere dois tipos básicos de *AI*: *os*

---

<sup>3</sup> NP – neuro-and computational-linguistic perspectives

<sup>4</sup> IA – indirect anaphor

<sup>5</sup> refere-se a uma NP concreta que não tenha nenhum antecedente explícito no texto e está ligada, através de um processo cognitivo, a algum elemento anterior no texto que funcione como uma espécie de âncora para a interpretação da *AI*. De acordo com uma opinião popular, *AI* são tratadas como fenômenos que melhor podem ser explicados em termos de associação.

<sup>6</sup> entidades dadas e novas

*semanticamente fundados e os conceitualmente fundados*. Nessa classificação, o autor observa a relação das *AI* com as suas âncoras. O primeiro tipo, vinculado a papéis semânticos, envolve estratégias cognitivas as quais têm fundamento em conhecimentos semânticos ligados ao léxico. O segundo tipo exige estratégias cognitivas fundadas em conhecimentos conceituais baseados em modelos mentais, conhecimentos enciclopédicos e de mundo.

Ainda segundo Schwarz (*apud* KOCH, 2003, p. 108), nem toda *AI* depende de processos inferenciais, já que para ela, resumir-se-á àqueles processos cognitivos que ativam informações representadas na memória enciclopédica dos interlocutores.

Essa autora (*apud* KOCH, 2003, p. 109) também afirma que

O quadro das anáforas indiretas é bastante complexo, visto que não só podem constatar diferentes tipos, como também tipos mistos e casos limítrofes. A interpretação das anáforas indiretas baseia-se em conhecimento semântico, e/ou em conhecimento conceitual, e/ou na inferenciação. (SCHWARZ *apud* KOCH, 2003, p. 109).

Concordamos com Schwarz (2007), quando diz que o quadro das *AI* é complexo. Não querendo exaurir as possibilidades de ocorrências desse fenômeno, discorreremos, a seguir, usos das *AI* em duas redações escolares de alunos da 8ª série (atual 9º ano) do Ensino Fundamental, com o intuito de explicar os fenômenos referenciais e “*a coerência*”<sup>7</sup> como uma operação cognitiva que se dá no processamento textual e não como uma propriedade imanente ao texto” (MARCUSCHI, 2005, p. 58).

#### **4 Anáforas indiretas em redações escolares**

Para esse estudo das *AI*, recorreremos às redações de alunos de uma 8ª série (atual 9º ano), na faixa etária entre treze e quinze anos, de um estabelecimento da rede estadual de ensino de Santos/SP. A turma escolhida é composta por trinta e cinco alunos, vinte e quatro meninas e onze meninos, do período da manhã.

Cada aluno criou o texto numa aula dupla de Língua Portuguesa, em que a professora, trabalhando com gêneros textuais, oportunizou uma escrita visando à *documentação e memorização das ações humanas* (SCHNEUWLY, DOLZ, 2007), por meio de um relato de uma experiência vivida.

Como procedimento de análise, tomamos a identificação de um elemento referencial – *âncora* (KOCH, 2003) – em cada texto de aluno, possibilitando a ocorrência anafórica

---

<sup>7</sup> grifos do autor

indireta e, tão somente depois, elaboramos um quadro sinóptico no qual se identifica a ocorrência anafórica indireta e sua relação referencial.

As trinta e cinco redações foram analisadas, mas de todo esse *corpus*, para organizarmos uma amostragem desse trabalho, transcrevemos uma, escolhida aleatoriamente, colocando-a em um quadro na abertura da análise.

Seguimos com o levantamento do uso das *AI* encontradas e com a discussão de suas ocorrências. Apresentamos um quadro sinóptico, no qual destacamos essas ocorrências e sua relação referencial. O elemento anafórico aparecerá em itálico, dentro de uma caixa de texto com preenchimento em outra cor; e a âncora, em negrito e sublinhada. Esse quadro tem caráter demonstrativo.

Evidenciamos que as análises realizadas no *corpus*, de forma nenhuma exauriram as possibilidades de outras ocorrências e/ou tipo de anáfora não enfocada.

Texto 1
<u>Foi tudo apenas um sonho</u>
1 Eu tenho um sonho que é <b>estudar fora do Brasil</b> , mas como não tenho
2 condições financeiras de realizá-lo, será impossível.
3 Em uma tarde de verão minha mãe me deu uma notícia maravilhosa, dizendo
4 que eu teria ganhado <i>uma bolsa de estudos em Los Angeles</i> . Fiquei sem reação de tanta
5 emoção, pois a partir daquele momento, meu sonho estava se realizando.
6 Uma semana depois da notícia, o <i>passaporte</i> chegou e poderia, rapidamente,
7 fazer <i>minha viagem para os EUA com dois acompanhantes</i> .
8 Acabamos nos hospedando num hotel maravilhoso chamado <i>Holliday</i> .
9 Três dias se passaram...
10 Já era <i>meu primeiro dia de aula</i> .
11 Estava muito ansiosa para fazer <i>novos amigos de curso</i> . Queria muito conhecer
12 <i>meus professores</i> .
13 Chegando na <i>nova escola</i> , escuto alguém me chamando. Era minha mãe
14 dizendo:
15 __ Filha, lembra!
16 Foi quando percebi que tudo foi apenas um sonho.

Nesse texto, observamos ocorrências de *AI*, pois a âncora **estudar fora do Brasil** (linha 1) possibilita a introdução de referentes a ela associados, organizando *frames*.

O referente *uma bolsa de estudos em Los Angeles* (linha 4) é novo, só podendo ser recuperado pela âncora, já que confirma uma viagem para se estudar no exterior. Temos, assim, um *primeiro frame* no texto – “viagem” – pois conduz o leitor a um sistema de representação de natureza convencional.

Ao continuar o texto, essa estratégia se repete, de algum modo, refocalizando a “viagem”, quando se menciona a chegada do *o passaporte* (linha 6) e a possibilidade de se realizar *minha viagem para os EUA com dois acompanhantes* (linha 7).

O autor, dessa forma, arvora a construção do sentido do texto na interação: o leitor, por modelos mentais, organiza as informações novas, estabelecidas pelas AI, combinando-as com os conhecimentos já adquiridos, dando, assim, significado às remissões.

Um *segundo frame* – “escola” - configura-se num cenário de estudo, quando o autor do texto introduz *meu primeiro dia de aula* (linha 10), passando a abordar o quadro emocional dele, gerado por toda essa expectativa, quadro ampliado ao citar a ansiedade para conhecer os *novos amigos de curso* (linha 11) e *meus professores* (linha 12), ou seja, *a nova escola* (linha 13).

As AI percorrem, assim, a materialidade o texto, dando pistas ao leitor, a todo tempo, de que o tema retomado é uma viagem de estudos fora do Brasil. Podemos ativar essas ligações semânticas numa interpretação motivada por estratégias cognitivas, sejam pelo conhecimento de mundo que temos sobre “viagem” e, igualmente, sobre “escola”. Esses *frames* confirmam que o processo da compreensão não é só buscar informação do texto, mas implica construir sentidos.

ÂNCORA	ANÁFORAS INDIRETAS	
<b>estudar fora do Brasil</b> (linha 1)	<b>FRAME “VIAGEM”</b> <i>uma bolsa de estudos em Los Angeles</i> (linha 4) <i>o passaporte</i> (linha 6) <i>minha viagem para os EUA com dois acompanhantes</i> (linha 7)	<b>FRAME “ESCOLA”</b> <i>meu primeiro dia de aula</i> (linha 10) <i>novos amigos de curso</i> (linha 11) <i>meus professores</i> (linha 13) <i>a nova escola</i> (linha 13)

### 5 Algumas considerações finais

A partir da análise do quadro das anáforas indiretas, notamos, inegavelmente, que, no processamento textual, os interactantes movimentam conhecimentos prévios acumulados, enriquecendo e favorecendo a construção de sentidos.



Tentamos mostrar que outra concepção de referência é tomada, já que o texto é visto como evento e o referente como objeto do discurso, e que a referenciação é vista como um ato remissivo, um ato de memória pelo qual se estabelece o sentido do texto.

Nesse rumo, a apreciação dos textos revelou-nos que por conhecermos o enredo narrativo proposto para a produção escrita dos textos, as experiências e vivências narradas, de forma interativa, as relações de sentido eram estabelecidas sem nenhuma dificuldade, visto que os elementos discursivos eram ativados ou reativados por meio de elementos que se ancoravam em algum tipo de informação inferível no texto.

A partir desse exame, procuramos demonstrar que os sentidos do texto se constroem a partir de conhecimentos partilhados que, ao serem relacionados, mesmo indiretamente, com o que é anunciado estabelece-se a ideia, a significação.

Ao focarmos nosso estudo na anáfora indireta, concluímos que os produtores dos textos fazem uso de estratégias referenciais de associação, sem referente explícito, levando o leitor/ouvinte a se esforçar para estabelecer a continuidade referencial no texto e, para isso, utilizam-se da ativação mental de elementos novos e não de uma reativação de referentes já conhecidos, o que constitui um processo de referenciação implícita.

## **Referências**

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes (org.). *Produção de sentido: estudos transdisciplinares*. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educs, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Anáfora indireta: o barco e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

SCHWARZ-FRIESEL, Monika. Indirect anaphora in text. In: SCHWARZ-FRIESEL, Monika; CONSTEN, Manfred; KNESS, Mareile. *Anaphors in text: cognitive, formal and applied approaches to anaphoric reference*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.

SCHNEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e (Org.) de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.  
Van DIJK, Tuen Adrianus. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 2004.

Recebido em: 08/02/2010

Aceito em: 11/05/2010

Contato: h-rodriques-junior@uol.com.br